

CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA COMPREENDER A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE JOHANN HERDER.

BÁRBARA NATALIA GÓMEZ¹

Introdução

O trabalho que apresentamos aqui é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a educação do gênero humano segundo Johann Gottfried Herder (1744-1803). Fazemos uma primeira aproximação à proposta da filosofia da história através do percurso de alguns conceitos-chaves na sua proposta filosófica.

Para Herder o progresso é o plano intemporal da providência, cujo objetivo é a educação progressiva da humanidade. Tal educação faz-se através do esclarecimento, no qual a história cumpre uma função primordial de mostrar a singularidade e a diversidade dos povos e das épocas que são todas expressões de um mesmo deus.

O objetivo principal do trabalho está centrado nos aspectos históricos da proposta filosófica de Herder, pastor luterano que segundo alguns de seus estudiosos foi um legítimo representante do Iluminismo alemão, embora para outros, seja percebido como o pai do romantismo.

No intuito de contextualizar com maior clareza a proposta do autor, apresentamos as obras através de uma periodização apresentada por Meinecke, em três momentos a partir dos quais reconhecemos alguns conceitos que nos permitem compreender sua proposta filosófica de uma história universal.

No primeiro período, que vai de 1764 até 1776, apresentamos a noção de *Aufklärung*; no segundo, de 1776 até 1791, em que Herder escreveu suas obras mais importantes de filosofia da história, desenvolvemos as noções de história e progresso. E por fim, entre os anos de 1791 e 1803, período em que Herder produziu seus últimos escritos sobre filosofia da história – como, por exemplo, as *Cartas para el estímulo y*

¹ Doutoranda em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Bolsista, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES PEC-PG.

*elevación de la Humanidad*², que alguns autores consideram como a última das *Ideias*; e vários ensaios na revista *Adrastea* (1801-1803), fundada por ele.³ Cabe ressaltar que não trabalharemos as publicações deste último período tendo em vista que as temáticas tratadas nas mesmas extrapolam os limites deste trabalho.

1764-1776 “Os primeiros tempos”

O primeiro período inicia-se no ano 1764 onde incluímos os “anos em Riga”, lugar onde se estabeleceu depois de finalizar seus estudos, permaneceu até 1769, atuando como pastor adjunto, predicador e reitor da Escola Catedral. Também incorporamos os “Anos de Viagem” que iniciam-se em 1769 com a viagem pelo Mar Báltico. Durante esta viagem, de Riga a Nantes, escreveu *Diário de minha viagem no ano 1769*, publicado pela primeira vez em 1849. A intenção da obra era contribuir para a renovação e o aperfeiçoamento da sociedade (aspecto que pode ser entendido como vontade de ser útil a sua soberana Catarina II da Rússia) e do gênero humano.

Após a viagem permaneceu um tempo na França onde estabeleceu contato com alguns filósofos da Ilustração e estudou a *Enciclopédia*. Posteriormente conheceu Gotthold Lessing (1729-1781) e Johann Lavater (1741-1801) com quem manteve contato epistolar.

De 1770 até 1776, ele atuou como pastor luterano e conselheiro do Consistório de Bückeburg. Em sua viagem a Estrasburgo conheceu a Johann Goethe (1749-1832), com quem pouco depois formaria junto a Johann Schiller (1759-1805) e Johann Hamann (1730-1788) o movimento pré-romântico *Sturm und Drang*.⁴ Neste tempo desenvolveu uma intensa atividade intelectual, publicando recompilações de cantos e poesias populares e ensaios sobre temáticas religiosas e literárias.⁵ Aqui ficam evidentes a influência de suas experiências vivenciais em Riga, onde observou a relevância que o

² 1793 e 1797.

³ Também neste tempo foi nomeado Presidente do Consistório Supremo da Igreja Luterana, e o Eleitor de Baviera conferiu-lhe um título de nobreza. Faleceu em dezembro de 1803.

⁴ “El *Sturm und Drang* señala el comienzo de la vinculación entre la poesía y la reflexión filosófica y de la consideración de la estética a la par que la ética em la formación espiritual del hombre” (Virasoro: 1948, 289).

⁵ No ano 1772 publicou *Abhandlung über den Ursprung der Sprache*.

povo atribuía às festas tradicionais. Em 1774 publicou sua primeira obra de filosofia *Outra filosofia da história para a educação da humanidade. Contribuição a muitas outras contribuições do século*.⁶

No primeiro livro citado *Diário de minha viagem no ano 1769* tendo em vista a conformação de uma comunidade e sua educação, o autor considerava que era necessário, antes de qualquer coisa, o conhecimento do seu povo. Dessa forma, no intuito de conhecer os homens e suas virtudes humanas procurou recolher informações de todas as épocas para que assim pudesse correlacioná-las com a atualidade e finalmente cumprir sua missão: ensinar e formar (*bilden*). A informação recolhida lhe permitiria construir uma imagem da moral, dos costumes, das virtudes, dos vícios e da felicidade da humanidade, que pela primeira vez serviriam como ferramentas para cumprir sua missão. Uma vez que sua intenção principal era formar uma comunidade protestante em Livônia.

Herder declarava que “o gênero humano orienta sempre o seu crescimento para a felicidade, só em cada época fá-lo de modo diferente”. (Herder *apud* Justo, 1995:155). Em seguida, apresentava sua concepção de homem esclarecido, explicando:

que para se ser o que se deve ser não é preciso ser-se nem judeu, nem árabe, nem negro, nem selvagem, nem mártir, nem peregrino, mas que basta ser precisamente o homem esclarecido (aufgeklärt), instruído, delicado, racional, cultivado, virtuoso e desfrutante que Deus exige neste grau de cultura que é nosso. (Herder apud Justo, 1995:155)

Esta concepção de *Aufklärung* está relacionada com o projeto de despertar a humanidade, que consistia na criação de uma virtude, uma felicidade e uma energia que resultariam da representação viva das imagens de todas as épocas, costumes e povos. “Para tanto servirão de apoio a história e o romance, a política, a filosofia, a poesia e a arte dramática; e não que a estas últimas respeita o ponto de vista principal [a adotar] não será esse [ou seja, o literário], mas uma perspectiva muito útil e formativa (*bildend*).” (Herder *apud* Justo, 1995:156)

O filósofo alemão considerava que estava apresentando um livro que contribuiria para a formação humana e cristã; trazendo uma nova luz e ajudando desta forma no esclarecimento da humanidade.

⁶ *Auch eine Philosophie der Geschichte zur Bildung der Menschheit: Beytrag zu vielen Beyträgen des Jahrhunderts.*

No mesmo texto propôs a diferença entre a noção de *Aufklärung* de seu tempo e sua concepção:

O sábio progride no seu caminho esclarecendo (aufklären) a razão humana e só lhe resta encolher os ombros quando surgem os loucos que falam um fim último, uma eternidade. [...] A clarificação nunca é um fim, mas sempre um meio; quando se torna um fim, torna-se num sinal de que deixou de ser o que era, como na França [...]. Quando tiverem morrido Voltaire e Montesquieu, continuar-se-á a praticar o espírito de Voltaire, de Bossuet, de Montesquieu, de Racine, etc., até nada restar. Hoje se fazem já Enciclopédias: até um d'Alembert e um Diderot a tanto se rebaixam. E precisamente essa obra, que os franceses acham ser o seu triunfo, é para mim o primeiro sinal da sua decadência. Nada tem para escrever e é por isso que fazem Abrégés, Dictionnaires, Histoires, Vocabulaires, Esprits, Encyclopédies, etc. E ficam de fora as obras originais. (Herder apud Justo, 1995:157-158)

Para Herder a *Aufklärung* era um processo e não um resultado, que consistia no trabalho permanente de esclarecer, formar e configurar. Para “este trabalho” o papel da história era essencial, no entanto, esta era considerada como o caminho complexo de configurações, que fornecia uma base analógica para a formação (que é também compreensão) no homem do presente, ou seja, do lugar que ele ocupava e das tarefas que realizava. Assim, através da clarificação ou do esclarecimento que se produzia a configuração e a formação; esta última ação é “chave” em sua proposta.

Deste modo o autor se opõe a uma concepção de *Aufklärung* finalista, fechada sobre si mesma, auto-suficiente e estática, que ele identificava e reconhecia no panorama cultural francês, e também na Prússia de Frederico II⁷. Assim, Herder se afastava de uma concepção de otimismo desmesurado, característica do Iluminismo.

Tempo de Weimar (1776-1791)

Em 1776 Herder se estabeleceu em Weimar como diretor consistorial da igreja luterana do ducado – momento considerado como início do segundo período, que vai até o ano 1791. Durante este período produziu um de seus textos mais relevantes *Ideias*

⁷ O comentarista José Justo explica que a oposição de Herder não deve ser confundida com a política especificamente *anti-aufklärer* do ministro de Frederico Guilherme II, Wollner (1732-1800) durante os anos 1780. Ainda mais que Herder estava em completo desacordo com essas políticas de restrições da liberdade de expressão, como o havia proposto no texto que estamos trabalhando em relação ao espírito herrnhutista (Justo, 1995:157.)

*para una filosofía da história da humanidade*⁸ em quatro tomos surgidos entre 1784 e 1791, que segundo alguns autores consistiram numa reedição aumentada de seu trabalho anterior com consideráveis modificações. Aqui desenvolveremos os conceitos de história e de progresso, expostas minuciosamente nos livros deste período.

História

Herder procurava na história “a intuição das manifestações infinitamente múltiplas e infinitamente variadas da vida da humanidade, que se revela (...), e se manifesta através de todas elas, podendo ter múltiplas formas, permanecendo sempre a mesma” (Cassirer, 1918: 270).⁹

Assim considerava que nenhuma regra abstrata, nem nenhum conceito moral uniforme de norma e de ideal poderiam limitar o conteúdo das manifestações da vida humana. Herder pensava que toda idade do mundo, do tempo, toda época, toda nação implicava e levava dentro de si a medida de sua própria plenitude e perfeição. Argumentava que não tinha valor nenhum fazer comparações, tampouco, destacar traços comuns, porque isto restringiria o característico e o particular que é o mais importante, ou seja, é o vivo e o concreto. Nessa perspectiva, Herder explicava:

Nadie en el mundo percibe tanto como yo la invalidez de las caracterizaciones generales. Se describe un pueblo entero, un período, una comarca y ¿a quién se ha descrito? Se resumen pueblos y épocas sucesivas, en eterna variación como las olas del mar. ¿A quién se ha descrito? ¿A quién se refirió la imagen descriptiva? A la postre no se hace más que sintentizarla en una palabra general de la que quizá cada uno piensa y siente lo que quiere. Recurso imperfecto el de la descripción. ¿A qué interpretaciones erróneas se está expuesto! (Herder apud Artola, 1979:543)

Nesta citação o filósofo não só se refere à inutilidade das generalizações, como também às descrições feitas a partir destas categorias generalizantes que empobrecem o olhar sobre os sucessos que a história conta.

Herder acreditava que a ideia de “perfectibilidade” moral e intelectual

⁸ *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit.*

⁹ Tradução nossa.

progressiva do gênero humano era uma ficção pretensiosa em que se apoiavam alguns pensadores de seu tempo, a partir da qual se acreditavam autorizados a olhar de maneira desdenhosa as fases anteriores e considerá-las como superadas e caducas. Portanto, para captar a verdadeira imagem da história, era necessário permitir que esta se projetasse para nós com todas as suas características e sua irreduzível variedade de traços concretos. Neste sentido o autor se opõe as descrições a partir de categorias generalizantes como método para fazer a história, pois não permitem reconhecer como relevantes os diferentes períodos históricos em diferentes lugares.

Herder era um gradualista de tipo leibniziano, e é a partir disso que sustenta que a cultura é o último desenvolvimento da vida natural. Assim, o que procurava na história era a infinita diversidade e as multifacéticas manifestações da vida do homem. Estava interessado em considerar cada situação como experiência da vivência dos distintos momentos históricos. Neste sentido, o autor privilegiava o individual e considerava que a espécie não cumpria o destino do homem, e principalmente assinalava que o conceito de espécie não era útil (criticando a Kant). Assim afirmava:

Si alguien sostuviera que no es el hombre individual el que ha sido educado, sino el género, diría algo que para mí, es incomprendible, puesto que el género y la especie sólo son conceptos universales, que no existen fuera de los seres individuales. Es como si yo hablase de la animalidad, de la mineralidad o de la metabilidad en general y los decorase con los más excelentes atributos, pero que en los individuos singulares serán contradictorios (Herder apud Kant, 1785: 106).

Herder levava em conta também que as relações naturais (entre pais e filhos, e entre amigos) conduziam à felicidade; e sustentava que o passo paulatino da selvageria à sociedade civil não se dava exclusivamente pela norma. De modo diferente de Kant, considerava que a discórdia não era uma ferramenta para o aperfeiçoamento, diante disso proclamava que a paz era uma condição natural do homem e que a “sociedade cosmopolita” como fim último da sociabilidade, era uma mera abstração; no mesmo sentido que a noção de espécie e de gênero.

Para ilustrar o que foi assinalado acima no livro nono da segunda parte das *Ideias*, Herder, criticava a concepção kantiana de que a passagem da selvageria à sociedade civil dar-se-ia exclusivamente pela norma e que a discórdia era o motor para o aperfeiçoamento. De maneira diferente, o autor concebia que:

Eis um princípio fácil, porém mau para a filosofia da história humana: o homem é um animal que precisa de um senhor e espera deste senhor ou de um grupo de senhores a felicidade de sua destinação final. Invertamos a proposição: o homem, não precisa de um senhor é um animal; assim que se torna homem, não precisa propriamente de nenhum senhor. (Herder apud Terra, 2004:55)

A seguir veremos como se produzia o progresso para o autor, no qual intervém um poder extra-humano (a providência) e também como se apresentam a intencionalidade e ação humanas.

Progresso como expressão do plano divino

Herder aceitava a tese de que a *história tem um fim* e que o *progresso dependia da sabedoria e a onipotência divina*, em oposição á concepção de alguns filósofos franceses contemporâneos – Voltaire, Rosseau – que sustentavam que o progresso consistia no avanço unilateral da racionalidade mecânica. Opor-se-ia especificamente á ideia de acreditar que a Ilustração representava a etapa mais alta do desenvolvimento humano e por isto devia ser o parâmetro para medir o avanço dos povos. Concebia o divino como uma força dinâmica que se expressava em diversas formas na natureza e na vida, conforme o espaço e o tempo, e a partir disso Herder discorria sobre o progresso na história.

A ideia de progresso era concebida como o fundamento e a aspiração do espírito humano. Era também a realização no tempo do plano intemporal da providência (ou vontade de deus), cujo propósito era a educação progressiva da humanidade por meio de seus ideais. A evolução progressiva da humanidade que adota modalidades concretas segundo a época e os lugares – representaria a parte individual e subjetiva do progresso.

Herder acreditava também que as capacidades do indivíduo influenciavam dividindo as responsabilidades do plano e do progresso, tanto na providência como nos sujeitos individuais. Em suma, o progresso ocorreria através da união destes dois elementos: o divino e o individual. Dessa forma, deus era concebido como educador da Humanidade, e esta era conduzida por seus desígnios e aos fins desejados por ele. Deus como educador cumpria um papel preponderante no processo de *Aufklärung*. É importante citar aqui qual é a ideia de Providência apresentada pelo autor:

Si toma a ésta (la providencia) por un espectro que tiene que salirle al paso en cada esquina para interrumpir constantemente el curso de las acciones humanas tratando de obtener tal o cual fin arbitrario y particular, entonces concedo que la historia será la muerte de semejante providencia. (...) ¿Pues que Providencia sería ésta a la que cualquiera pudiera usar como duende policíaco, como aliado de sus pretensiones de corto alcance o protector de su propia estrechez de miras, hasta que todo se hundiera en la anarquía? El Dios que yo he de buscar en la historia debe ser el mismo que se encuentra en la naturaleza, porque el hombre no es más que una parte del todo y su historia está íntimamente entrelazada con la historia del mundo entero como el gusano de seda con el capullo.” (Herder, 1784:515)

Herder explicava que em certas ocasiões os homens não podiam compreender qual era a última intenção da providência, nem porque aconteciam determinados fenômenos. É exatamente esta ideia que lhe permitiu compreender e considerar a coerência da história universal.

A história e o progresso

A proposta filosófica histórica de Herder, ainda que reconhecia a infinita variedade do acontecer, expunha diretivas e orientações teleológicas á que se ajusta esta variedade. Considerava que na marcha progressiva da história revelava-se um “plano” providencial. Entretanto, os acontecimentos deste plano não tinham nenhuma finalidade geral, não tinham meta externa que se impunha aos acontecimentos. Pelo contrário, era a característica individual que determina (em última instância) a forma da totalidade que a ideia da humanidade se realizava de um modo concreto. O *todo* que se transmitia na variedade dos acontecimentos, não era captado como resultado, senão como seu conjunto vivo.

Para Herder era necessário que a visão da história tivesse um significado a partir da própria identidade cultural, particular e técnica antes mesmo de uma perspectiva universal. Para perceber o sentido da história era necessário, conforme ressaltava, centrar-se nas subjetividades culturais e na identidade histórica que se conformava com estas. Neste contexto, adquiriam relevância os mitos, as lendas, as canções, as poesias que se transformavam no objeto de estudo da autêntica história.

Herder afirmava que cada época devia ser compreendida a partir de si mesma e não de convencionalismos do presente considerados como tabelas de valores

“universais” através dos quais se poderia medir o avanço dos povos, como consideravam os pensadores da Ilustração. Para captar a verdadeira história dos povos era necessário centrar-se na relatividade e especificidade de cada época, visto que é nesta que se encontra o fundamento para a apreciação imparcial de homens e povos, lembrando sempre que estes estão dentro de um progresso geral da humanidade.

Portanto, indagar o passado em Herder implica “buscar el significado de cada situación humana cuyas sumatorias vienen a articular la conformación del devenir total de la historia universal de la humanidad” (Villamil Carbajal, 2009:145-146).

História Genética: *Volksgeist*, destino, evolução

O filósofo propôs a relevância de praticar uma *historia genética* diferente de uma meramente narrativa ou uma interessadamente pragmática. Esta concepção implicava que não era possível conhecer um acontecimento sem conhecer sua gênese e seu desenvolvimento consequente, a partir desta noção “se pode descobrir no desenvolvimento da civilização e através de todas as culturas um pano de fundo unitário no homem. De modo que o presente é a culminação de um passado ativo, cujo dinamismo engendra as sucessivas idades.” (Cassani y Perez Amuchástegui, 1970:176).¹⁰ Por estas razões nenhum momento é alheio aos anteriores e por consequente nenhuma cultura fica excluída na consideração da história universal.

Puesto que el hombre nace de una raza y dentro de ella, su cultura, educación y mentalidad tienen carácter genético. De ahí esos caracteres nacionales tan particulares y tan profundamente impresos en los pueblos más antiguos que se perfilan tan inequívocamente en toda su actuación sobre la tierra. Así como la fuente se enriquece con los componentes, fuerzas activas y sabor propios del suelo de donde brotó, así también el carácter de los pueblos antiguos se originó de los rasgos raciales, la región que habitaban, el sistema de vida adoptado y la educación, como también de las ocupaciones preferidas y las hazañas de su temprana historia que le eran propias, Las costumbres de los mayores penetraban profundamente y servían al pueblo de sublime modelo. (Herder, 1784: 91)

Com esta concepção Herder elevava o *Volksgeist* à categoria de unidade orgânica coletiva da história, cuja existência precedia e conformava o indivíduo mediante uma

¹⁰ Tradução nossa.

linguagem comum, formas literárias e artísticas e institucionais próprias do grupo popular específico da nação. (Moradiellos, 2001: 148) Assim o patrimônio cultural de uma época era a criação de um povo inteiro, produto de uma atividade constante transmitida de geração em geração, que permanece através das mudanças, todavia animada por um espírito comum onde se expressa a alma do povo.

É no espírito criador do povo onde se manifestam as formações culturais históricas, que o faz singular e único, também se encontra na formação de povos anteriores de outras épocas, já que o particular de cada época está conformado pela história que contem as experiências anteriores. Apesar da ideia de individualidade, isso não implica a perda da unidade na proposta do autor. Nesse sentido, não há contradição porque o autor considera que:

los individuos - esto vale también para los pueblos - no son monadas cerradas; se hallan abiertas a todos los costados, se nutren de lo anterior y se proyectan en el futuro, próximo o lejano. Pues por muy diversas que sean las formas en que el género humano aparece sobre la tierra, se trata sin embargo de una y la misma especie (Virasoro, 1948:311).

Nas palavras de Meinecke, Herder combinava a singularidade do espírito de cada época e de cada povo, focalizando o olhar sobre a cadeia de variações que iniciada nos tempos primitivos, ainda continuava na atualidade. Esta cadeia de variações “é o fio ininterrupto da cultura do gênero humano que passa sobre os povos e épocas.” (Meinecke, 1943: 325)

Assim, a concepção evolutiva de Herder está composta por elementos dos quais se intenta compreender a história universal, um é o *destino*; com este analisa e compreende a história universal – especificamente a moderna. O *destino* cumpre a mesma função conceitual que os fios *da evolução*. (Meinecke, 1943:338) Nas palavras do mesmo Herder “não em vão está escrito desde o principio (...) que a educação, e a perfeição de uma nação, nunca é outra coisa que obra do destino, resultado do concurso de mil causas, por assim dizer, o elemento total no qual vivem” (Meinecke, 1943:338).

Desse modo o conceito de *destino* abarcava desde a causalidade até a divindade, desde a pequenez terrena até o transcendental; e como o *destino* emana de deus em determinadas ocasiões é cego para a humanidade. Nesse contexto, é compreensível que Herder expresse sentimentos de pequenez, dependência e submissão frente a deus. Exatamente nesta ideia de destino é que se encontram reunidos tanto a causalidade

impregnada de determinismo quanto a teleologia, onde se evidencia seu olhar transpessoal – dialético– .

Comentários finais

Herder pode ser considerado como uma expressão dos antagonismos de uma nação e de uma época em que se opunham e se misturavam as tradições religiosas e o racionalismo. No qual as ilusões em torno do progresso se enfrentavam a um cenário de pobreza e despovoamento demográfico dos territórios alemães – causados pelas consequências da guerra dos Trinta Anos (1618-1648), as pestes e as constantes emigrações a outras regiões –, além da perda de autonomia e liberdade das comunidades prussianas pelo avanço e despotismo do poderio da casa de los Hohenzollern.

A proposta do filósofo procurava dar respostas a essa “temporalidade dupla” – segundo Arantes – das ideias liberais importadas e da situação histórica em que viviam, através de uma filosofia da história. Suas teorias, expressam a contradição entre as características de um “mundo ainda feudal e as exigências burguesas iniciais (*frühbürgerlichen*), que formam o antagonismo central do absolutismo esclarecido” (Terra, 2004:44), tão característico deste período.

Herder interessa-se por quase toda a totalidade dos povos antigos e modernos, especialmente por suas criações poéticas (pelas quais o autor tem especial interesse). Da mesma forma que outras expressões culturais, as criações poéticas, devem ser estudadas através de seus criadores: os homens e os povos. Neste contexto, a tarefa da história consiste em penetrar na intimidade de cada ser e de cada fato individual. Estabelecendo as conexões recíprocas, as vinculações com o “todo” e olhando sua evolução desde o estado original na mesma natureza (de onde surgiu tudo). Durante o percurso do tempo as coisas vão adquirindo a forma para a qual foi destinada pela providência. Para tanto, é necessário compreender e julgar cada fato, cada povo, cada época, estudada segundo suas particulares condições históricas. Cada povo e cada época supõe a precedente, aliás, cada uma delas deve ser compreendida dentro de suas particularidades históricas e geográficas, onde se tem formado e vivido.

A história é essencial para o esclarecimento dos homens. É importante explicar aqui que para o autor não se pode confundir *Aufklärung* com um conjunto de conhecimentos adquiridos. Assim conhecer a história implicava compreender o gênero humano, compreender o espírito do povo. Neste sentido, conhecer a história torna-se relevante para o esclarecimento do homem. Portanto, a história tem que expressar o particular e o singular de cada povo e de cada período histórico. É tarefa do historiador mostrar a infinita diversidade das manifestações humanas.

Bibliografía

CASSANI, Jorge Luis y PEREZ AMUCHASTEGUI, A. J. *Del Epos a la Historia Científica. Una visión de la historiografía a través del método*. Editorial Ábaco de Rodolfo Depalma. Bs. As. 1970. P. 176.

CASSIRER, Ernest. (1918) *Kants Leben und Lehre*. (Versión en español traducido por Wenceslao Roces Kant. *Vida y Doctrina*. México. FCE. 1948.)

HERDER, Johann. *Ensaio dobre a origem da linguagem*. Lisboa: Antígona. 1º ed. 1995. Traduzido do alemão por José M. Justo.

_____. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*. (Versión Castellana de J. Rovira Armengol Ideas para una Filosofía de la Historia de la Humanidad. Buenos Aires. Losada.1959.)

MEINECKE, Friedrich. *El Historicismo y su génesis*. Madrid. FCE. 1943.

MORADIELLOS, Enrique. *Las Caras de Clío. Una introducción a la Historia*. Madrid. Siglo XXI. 2001.

VILLAMIL CARBAJAL, Ronald. “La filosofía romántica de la historia de Herder y sus aportes a La Joven Argentina del siglo XIX”. In: *Revista Historia Crítica* Nº 30, Bogotá, julio- Diciembre 2005. pp. 139-161.

VIRASORO, Rafael. “Herder y su época”. In: AAVV. Vico y Herder. *Ensayos conmemorativos del segundo centenario de la muerte de Vico y del nacimiento de Herder*. Buenos Aires. UBA. 1948.